



S E R

Arcadia  
Conrado  
Mangueira  
Paes Leme

SA DO MACUCO

Xerém

Paes Leme

Laceruba

S. Antonio

Engo. Pedreira

Queimados DUTRA

Adrianópolis

Cava

S. Rita

Austin

Ambat

Miguel Couto

Nova Aurora

Com. Soares

NOVA IGUAÇU

Belford Roxo

Coelho da Rocha

DUQUE DE CAXIAS

S. JOÃO DE MERITI

S. Mateus

Mesquita

Rocha Sobrinho

Eden

Olinda

SA DE MADUREIRA

AV. BRASIL

Bangu

Campo Grande

Campo dos Afonsos (FAB)

SA DO BANGU

Pedra Branca

RIO DE JANEIRO

DOSSIÊ

Baixada  
Fluminense:  
um *calhamaço*  
de pesquisa  
para superar  
o *close-up*  
da fronteira

Planta do Estado do Rio de Janeiro, produzida pela Secretaria de Planejamento da Presidência da República / Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [Referência: M2/G14/02] — Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

# Apresentação

Em 1961, a revista semanal *O Cruzeiro* — uma das principais do país — publicou longa reportagem sobre a Baixada Fluminense, buscando apresentar “o que acontece na fronteira do estado da Guanabara com o estado do Rio”. Ao longo de doze páginas, recheadas de fotojornalismo, os repórteres Ubiratan de Lemos e Geraldo Viola partiram, com o apoio de 150 policiais, para uma expedição, de quinze dias, “ao submundo de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis e Nova Iguaçu; e de lá trouxeram um documentário impressionante”, descrevendo um cenário de miséria, crimes, contravenções, politização e impunidade.

(...) Eis o balanço da vida normal da fronteira da Guanabara com a Baixada Fluminense, através de quadros vivos da criminalidade, de mistura com o desajustamento social e com a opulência econômica da região. (...) Essa é a história dos jogos de ronda, do bicho, dos cassinos, da maconha, do lenocínio, do homicídio barato e das quadrilhas que roubam automóveis no Rio para vendê-los, desmontados, ao longo da Baixada. (...) A poucos quilômetros do Rio de Janeiro existe um mundo conflagrado. Uma terra onde a lei é artigo proibido; onde somente prevalecem os interesses escuros [sic] da baixa política (...) (O CRUZEIRO, 04/11/1961. p. 23).

Intitulada “Fronteira Sangrenta”, a reportagem reforçou uma imagem bastante negativa e caricata sobre a Baixada Fluminense. Embora pa-

reça clichê, ela ainda persiste na atualidade. Em grande medida, este retrato tão recorrente da Baixada vem sendo revelado, ao longo dos anos, a partir da perspectiva do Rio de Janeiro. A própria revista *O Cruzeiro*, no editorial que apresentou a mencionada matéria, questionava que a menos de uma hora de automóvel do coração cultural do país, havia uma “terra de ninguém, um pedaço de faroeste”, configurando como “uma fronteira muito próxima, geograficamente, do centro do ex Distrito Federal, mas, em certos aspectos, tão distante dele como se estivesse a milhares de quilômetros de distância”. (*O CRUZEIRO*, 04/11/1961, p. 3).

Apesar da disposição inicial de também abordar “o lado bom da fronteira”, para a reportagem ser “completa e honesta”, os jornalistas pouco avançaram neste aspecto. Chegaram a mencionar que a Baixada Fluminense passava por um surto industrial relevante naquele período, enfatizando a construção da Refinaria de Duque de Caxias e a importância dos acessos a troncos rodoviários, como a Presidente Dutra, a Rio-Bahia e a Rio-Brasília. Abordaram até o intenso fluxo diário de moradores da Baixada ao Rio de Janeiro — por lotações, ônibus e trens — para trabalhar no “principado da Guanabara”. No entanto, a argumentação acabou enfatizando o vertiginoso aumento da população nos municípios da Baixada nas décadas anteriores, que seria fruto do “jorro migratório norte-sul”, onde o “choque da cultura nordestina, subitamente transposta para o chão da divisa, convoca todos os artigos do Código Penal”. Desse modo, caracterizam a população da Baixada Fluminense como “furta-cor”, tendo “uma minoria de imigrantes europeus e uma maioria de nacionais dos estados”. Daí não demoraria em associar a grande quantidade de templos religiosos de matrizes africanas — denominados na matéria como “terreiros de macumba” — com o crime organizado na região (*O CRUZEIRO*, 04/11/1961, p. 28).

Ao final, no entanto, os autores reconheceram que aquela reportagem era um “mergulho raso na Baixada”, pontuando que “uma pesquisa longa daria um calhamaço”, pois o intento deles era somente um “close-up da fronteira”. (*O CRUZEIRO*, 04/11/1961, p. 29).

Por isso, no exercício de recuperar esta reportagem de 1961 para apresentar um Dossiê sobre a Baixada Fluminense, publicado na Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, faz-se necessário analisar para além da imagem caricata que ela reforça. É preciso observar o movimento realizado pelos repórteres e que foi tão destacado na matéria, inclusive nas fotografias que a ilustram: o conhecimento sobre a Baixada Fluminense se deu no cruzamento “momentâneo” da fronteira, a partir do Rio de Janeiro e

de sua perspectiva, focalizando somente algumas partes do objetivo de análise, um *close-up* sem profundidade.

Hoje, outras imagens sobre a Baixada Fluminense — mais densas, instigantes e críticas — estão vindo à tona, a partir de novos olhares, seja pela imprensa, pelos movimentos sociais ou pela própria produção científica, como é possível verificar na coletânea de artigos publicados neste Dossiê.

O primeiro artigo, intitulado “*Raízes Negras Dispersas*”: *Assenhoreamento no Pós-Abolição do Antigo Município de Iguassú (1888-1940)*, de Carlos Eduardo Coutinho da Costa, se debruça sobre os cinquenta anos posteriores à abolição, privilegiando o contexto dos locais de moradias dos descendentes diretos e indiretos de ex-escravizados.

Em seguida, o artigo de Henrique Dias Sobral Silva e Max Fabiano Rodrigues de Oliveira, sob o título *Fazenda Jesuítica, Imperial, Nacional de Santa Cruz: da acumulação fundiária à colonização agrícola dirigida (Fazenda Nacional de Santa Cruz, Rio de Janeiro, 1850-1930)*, discute o uso das terras da antiga Fazenda Santa Cruz, com ênfase na Freguesia de Bananal (município de Itaguaí), desde o fim do XIX até o processo de divisão para colonização na década de 1930, visando o abastecimento do Rio de Janeiro com gêneros alimentícios.

Também em coautoria, Tania Maria da Silva Amaro de Almeida e Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima analisam estratégias relacionadas à preservação da cultura e da arte no município de Duque de Caxias. O artigo *Cidade, Cultura e Patrimônio: o Direito à Memória e Identidade* apresenta reflexões sobre a proteção do patrimônio histórico local e seu papel na recuperação de memórias.

Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre, no artigo *Memória e escrita da história iguaçuana: uma análise da prática memorialista pela Arcádia Iguacuana de Letras – AIL (Nova Iguaçu, 1950-1960)*, investiga a prática memorialística de membros desta instituição na produção da história de Nova Iguaçu, bem como os significados usados na construção de um certo tipo de saber sobre a cidade e a Baixada Fluminense.

Já Carolina Bittencourt Mendonça estuda a trajetória da Companhia de Canetas Compactor no processo de industrialização de Nova Iguaçu, tendo como foco o projeto paternalista da empresa, no artigo “*Família Compactor?*”: *A relação da Cia. de Canetas Compactor com os trabalhadores no processo de industrialização de Nova Iguaçu (1954-1974)*.

Por fim, Adriana Maria Ribeiro, no artigo “*A Baixada era a nossa Sierra Maestra!*”: *A presença de militantes da Ala Vermelha nos bairros da Baixada Flu-*

*minense*, aborda as experiências vividas por militantes desta organização de esquerda no final dos anos 1970, enfatizando suas formas de integração nos bairros da Baixada.

Esses trabalhos de pesquisa, aqui publicados, compõem um quadro — ainda que inevitavelmente incompleto — da trajetória de estudos sobre história da Baixada Fluminense, marcada por uma pujante produção acadêmica nas últimas décadas e capitaneada por instituições superiores de ensino da própria região, públicas e privadas.

Em uma breve retrospectiva, ressaltam-se as pesquisas desenvolvidas e as diversas parcerias celebradas a nível local pela Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), pela Fundação Educacional de Duque de Caxias (FEUDUC), pelo Centro Universitário ABEU (UNIABEU), pela Universidade Iguazu (UNIG), pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/UERJ) e pelo Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (IM/UFRRJ).

Por sinal, o IM/UFRRJ, localizado em Nova Iguaçu, onde atuam os organizadores deste Dossiê, tem contribuído decisivamente no esforço de fomentar novas pesquisas e parcerias, visando preservar acervos sobre a Baixada Fluminense.

No ano de 2013, foi criado o Centro de Documentação e Imagem do IM-UFRRJ (CEDIM) com o objetivo de reunir, sistematizar, preservar e disponibilizar documentação sonora, visual e iconográfica, a partir da produção da universidade. Dispondo de equipamentos e pessoal técnico, o CEDIM vem se notabilizando na digitalização e na catalogação de acervos (pessoais/institucionais), sobretudo relacionados à história da Baixada Fluminense. Todos esses acervos estão disponíveis para pesquisa na sala de consultas do CEDIM, localizada no prédio da Pós-Graduação do IM-UFRRJ, ou pelo site <http://r1.ufrrj.br/cedim/>.

Uma das principais coleções do seu acervo digital, por exemplo, foi cedida pelo arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, mediante convênio firmado entre o CEDIM e a Diocese. Boa parte deste acervo já se encontra disponível para consulta online, através do Repositório do Instituto Multidisciplinar e Acervos (RIMA), uma plataforma digital na internet para difusão da produção acadêmica do IM-UFRRJ e dos acervos do CEDIM.

O RIMA foi lançado no dia 04 de novembro de 2016, durante o seminário *História, Memória e Direitos Humanos*, realizado no auditório do IM-UFRRJ. O tema do evento foi uma homenagem à memória de Dom Adriano Hypólito, tendo em vista que o ano passado marcou os cinquenta anos de sua

nomeação como Bispo da Diocese de Nova Iguaçu, dos quarenta anos de seu sequestro pelas forças de repressão da Ditadura Militar e dos vinte anos de seu falecimento. Além do lançamento do RIMA e da homenagem à memória de Dom Adriano Hypólito, durante o evento foi realizado um debate sobre o livro *A Baixada Fluminense e a Ditadura Militar: movimentos sociais, repressão e poder local*, uma coletânea de artigos organizada por Jean Sales e Alexander Fortes, publicada em 2016 pela Editora Prismas e premiada com Menção Honrosa no XV Prêmio Baixada 2016 — segmento Produção Acadêmica, em evento organizado pelo Fórum Cultural da Baixada Fluminense.

Além do acervo da Cúria, o CEDIM já disponibilizou no RIMA coleções fotográficas sobre trabalhadores no Brasil, entrevistas concedidas a diversos projetos de pesquisa, além de periódicos, com destaque para o *Jornal da Baixada*, publicado entre os anos de 1979 e 1980; e o *Correio da Lavoura*, importante jornal da cidade de Nova Iguaçu, fundado em 1917 e que este ano completou 100 anos de existência. A disponibilização de todo esse rico acervo permite e estimula a realização de pesquisas inovadoras, a partir de fontes até então inéditas ou de difícil acesso.

Desse modo, diante de um quadro vigoroso de pesquisas sobre a Baixada Fluminense, convém resgatar aquela provocativa reportagem de *O Cruzeiro*, contra-argumentando que já há um “calhamaço” de estudos sobre a região, que indubitavelmente potencializa análises para além de um “close-up”. Há muito caminho a percorrer, sem dúvida. No entanto, o que se tem produzido até aqui já instiga a superação de caricaturas e preconceitos em relação à Baixada Fluminense, inclusive a partir do seu próprio movimento de investigação. Ao contrário do que ocorreu na reportagem de 1961, os estudos têm sido majoritariamente desenvolvidos por pesquisadores oriundos da Baixada ou que atuam em instituições sediadas na região. Não são incursões episódicas, a partir de outra perspectiva, mas de gente que pensa e busca compreender a Baixada Fluminense em um movimento “de dentro para fora”. E o melhor: sem se isolar, mas cruzando fronteiras, tendo agora a honra de apresentar parte de sua produção na Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro.

### Fonte primária

LEMOS, Ubiratan de; VIOLA, Geraldo.  
Fronteira Sangrenta. **O Cruzeiro**.  
04/11/1961. pp. 22-33. Acervo: Fundação  
Biblioteca Nacional (Brasil).



Recebido em 02/10/2017  
Aprovado em 02/11/2017

**JEAN RODRIGUES SALES**

Professor do Departamento de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

**FELIPE RIBEIRO**

Realiza estágio pós-doutoral na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ)

**ÁLVARO PEREIRA DO NASCIMENTO**

Professor do Departamento de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

**ALEXANDRE FORTES**

Professor do Departamento de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)